

O OLHAR DO PSICOPEDAGOGO DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Sarah de Oliveira Nascimento¹

José Firmino de Oliveira Neto²

Ana Paula de Aguiar Fuzo³

RESUMO

O referido artigo surge com o objetivo de entender melhor o olhar do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem. A escola, por muitos anos seguiu um modelo tradicional, não abrindo espaço para que os alunos com necessidades educacionais especiais se adequassem ao ensino, havendo a exclusão. Baseado nessa realidade, a escola para todos surge para garantir aos alunos, seja ele deficiente ou não, uma educação de qualidade. Apesar da escola adotar um modelo inclusivo nos dias atuais, nada melhor que o olhar do professor e do psicopedagogo para esclarecer se a inclusão da teoria é a mesma que a da prática. A inclusão vai, além de um direito garantido teoricamente na legislação, ela deve ser aplicada na prática escolar. A realidade das práticas pedagógicas inclusivas é um desafio, pois a escola e os professores devem estar aptos para receber esses alunos com necessidades educacionais especiais, sendo assim, é válido citar a formação continuada dos professores na área da inclusão, no qual irá atribuir sentido no processo de ensino e aprendizagem, garantindo a esses alunos portadores de deficiência acesso à educação de qualidade e permanência em um ensino regular. Baseado nesse contexto, considera-se que a escola inclusiva é um desafio a ser vencido atualmente, e é por meio da perspectiva do professor inclusivo que essa realidade será possível.

Palavras-chave: Psicopedagogia. ensino-aprendizagem. dificuldades de aprendizagem. escola.

THE PSYCHOPEDAGOGUE'S VIEW FROM THE LEARNING DIFFICULTIES

ABSTRACT

The aforementioned article appears with the objective of better understanding the look of the psychopedagogue in the face of learning difficulties. The school, for many years followed a traditional model, leaving no space for students with special educational needs to adapt to teaching, with exclusion. Based on this reality, the school for all appears to guarantee students, whether disabled or not, a quality education. Despite the school adopting an inclusive model nowadays, nothing better than the eyes of the teacher and the psychopedagogue to clarify whether the inclusion of theory is the same as that of practice. Inclusion goes, in addition to a right guaranteed theoretically in the legislation, it must be applied in school practice. The reality of inclusive pedagogical practices is a challenge, since the school and teachers must be able to receive these students with special educational needs, therefore, it is worth mentioning the continuing education of teachers in the area of inclusion, in which it will attribute meaning in the teaching and learning process, guaranteeing these students with disabilities access to quality education and permanence in regular education. Based on this context, it is considered that the inclusive school is a challenge to be overcome today, and it is through the perspective of the inclusive teacher that this reality will be possible.

Keywords: Psychopedagogy; teaching-learning; learning difficulties; school.

Recebido em 09 de dezembro de 2020. Aprovado em 24 de dezembro de 2020.

¹ Pedagogia - Uni-Anhanguera.

² Possui Doutorado em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestrado em Educação em Ciências e Matemática (2016) também pela UFG, especialista em Formação em Educação à Distância pela Universidade Paulista (Unip) e graduado em Ciências Biológicas (2013) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e em Pedagogia (2013) pela Unip. Atualmente é professor/Pedagogo da Rede Municipal de Educação; docente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Araguaia e pós graduação do Centro Universitário Araguaia

³ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás (1999), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2002). Atualmente é professora adjunta do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Araguaia, professora na Pós graduação do Centro Universitário Araguaia. E-mail: ana.fuzo@uniaraguaia.edu.br

INTRODUÇÃO

Segundo Mary (1985), a psicopedagogia teve seu surgimento na Europa no século XIX. Originado a partir das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem, levando a melhor compreensão em relação às necessidades da aprendizagem diante da sociedade, pois de fato as pessoas com problemas de aprendizagem eram julgadas e encaminhadas para profissionais da área da saúde.

Para Andrade (2004), a psicopedagogia teria iniciado na década de 1920, momento em que se instituiu o primeiro centro de psicopedagogia do mundo. Ligado ao pensamento psicanalítico de Lacan, a autora ressalta que foi de suma importância esse movimento, para o que no futuro seria denominado de psicopedagogia clínica.

No entanto, Bossa (1994) e Masini *et al.* (1993) argumentam que a psicopedagogia surgiu em 1946, com a realização de centros pedagógicos, sendo liderada por uma gestão médica e pedagógica em Paris, e na Europa. A mesma destaca ainda que o nome “centros psicopedagógicos” foram adotados com intuito de que os pais com crianças portadoras de “problemas” conduzissem seus filhos para as consultas de cunho psicopedagógico e não médica, tendo em vista menos constrangimento perante a sociedade.

Os centros entrelaçavam conhecimentos de diversas áreas, como medicina, psicologia, psicanálise e pedagogia, almejando alcançar um objetivo único, quer seja que os sujeitos presentes no espaço tivessem uma readaptação. Sendo que, o trabalho era realizado com crianças que possuíam comportamentos inadequados diante da escola ou em casa, como também crianças que expressavam dificuldades em relação à aprendizagem (MERY, 1985. BOSSA, 2000).

Em meados da segunda década do século XX, chega aos Estados Unidos e Argentina, a psicopedagogia. Inicialmente nos Estados Unidos a psicopedagogia foi destacada no âmbito da criação de centros para reeducação de delinquentes infantis, com isso houve uma enorme repercussão de inúmeras escolas particulares, oferecendo ensino individualizado para crianças que apresentavam uma aprendizagem lenta. Na França, em 1930, sucedeu os centros orientação educacional infantil, com grupos constituídos, por médicos, psicólogos, educadores e assistentes sociais (MERY, 1985 *apud* BOSSA, 2000).

Na Argentina, por volta de 1970, ocorria a criação dos centros de saúde mental, onde era realizados atendimentos com psicopedagogos, que davam o diagnóstico e orientava os mesmos para os tratamentos. Com o passar do tempo percebia-se a evolução e melhora dos pacientes em relação aos problemas de aprendizagem. O país teve forte influência da psicopedagogia, sendo assim, foi se desenvolvendo um movimento com características diferenciadas do Brasil, podendo-se contemplar uma grande evolução daquele país diante dos atendimentos especializados, em relação aos testes realizados de uso contínuo, pois alguns não são autorizados aos psicopedagogos por serem de uso restrito dos psicólogos (BOSSA, 2000, p. 58).

[...] os instrumentos empregados são mais variados, recorrendo o psicopedagogo argentino, em geral a provas de inteligência, prova de nível de pensamento; avaliação do nível pedagógico; avaliação perceptomotora; teste de provas projetivas; testes psicomotores; hora do jogo psicopedagógico (Id. *Ibid.*, 2000, p.42).

A psicopedagogia chegou ao Brasil, na década de 1970, período em que as dificuldades de aprendizagem eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM) que se propagava, servindo para camuflar problemas sociopedagógicos (BOSSA, 2000). Neste período, o Brasil apresentava extrema preocupação em correlação com as dificuldades que agregavam os problemas de aprendizagem e seus

devidos fatores.

Nesse sentido, no Brasil a psicopedagogia, faz menção ao histórico na Argentina, que o influenciou para que pudesse oportunizar melhoras no processo de aprendizagem. Sampaio (2006) confirma que o Brasil recebeu influências tanto americanas, quanto europeias, através da Argentina.

Pode-se destacar Jorge Visca como o pai da psicopedagogia no Brasil, já que é uma das pessoas que mais contribuíram para a disseminação psicopedagógica no país, apresentando um traço teórico de forma que o trabalho e a aprendizagem fossem mediados na agregação de três traços da psicologia: Teoria psicogenética, Escola psicanalista (Freud), e a Escola de psicologia social de Enrique Pichon Riviere.

Dados exposto, este trabalho se debruça a (re)pensar o papel do Psicopedagogo, questionando: Qual a importância do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem dos alunos no universo escolar? Assim, objetiva-se apreender criticamente o papel do psicopedagogo frente às dinâmicas da aprendizagem no ambiente escolar. Para tanto, apresentamos uma reflexão sobre aspectos relativos às necessidades educacionais especiais, para reforçar a importância da psicopedagogia para o processo de ensino-aprendizagem.

No que tange a metodologia de pesquisa desenvolvida, fez-se uso da abordagem de pesquisa qualitativa, mediante a pesquisa bibliográfica. Para Lima e Mioto (p. 37-45, 2007) “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Gil (1995, p. 158), considera, portanto que as fontes escritas são muito ricas e ajudam o pesquisador a não perder tanto tempo na busca de informações para (re)pensar uma temática de estudo, sabendo que em algumas circunstâncias só é possível a investigação social através de documentos. Portanto, esse é um dos tipos de pesquisa possibilitam o embasamento teórico-prático para todos os assuntos pesquisados, analisando variáveis que um problema pode apresentar, comparando as opiniões e teses de diferentes autores que falem sobre o mesmo assunto, e depois fazer análises e tecer conclusões sobre o tema abordado.

Dificuldades De Aprendizagem

Segundo José e Coelho (2004, p.11) “a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maturo, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência”. A aprendizagem não está ligada somente a sala de aula, mas a fatores sociais externos ao contexto escola. O processo de aprendizagem sofre influência de vários fatores, que podem contribuir de forma positiva ou negativa para o aprendiz. Os fatores negativos geram consequências como os problemas de aprendizagem.

Em sala de aula é muito comum crianças que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem, e em certas ocasiões os professores não sabem como lidar a situação, pois acham que as dificuldades de aprendizagem são permanentes. Porém, Paín (1985, p. 28-29) descontrói essa tese, argumentando que

Podemos considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, no sentido de não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa em uma constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como um sinal de descompensação.

Os problemas de aprendizagem não são necessariamente permanentes, podem ocorrer algumas dificuldades perduráveis, mas em grande maioria dos casos esse problema pode ser revertido. Para que a dificuldade de aprendizagem seja regressada, é necessária uma avaliação

psicopedagógica, para descobrir qual a modalidade de aprendizagem e quais os fatores que estão prejudicando a aprendizagem do educando.

Para Paín (1985), existem alguns fatores fundamentais para realização do diagnóstico de um problema de aprendizagem, esses fatores são: os fatores orgânicos, os fatores específicos, os fatores psicógenos e os fatores ambientais. Os fatores orgânicos estão relacionados com aspectos do funcionamento dos órgãos dos sentidos e do sistema nervoso central. Os fatores específicos estão relacionados às dificuldades específicas de cada indivíduo, os quais se manifestam na área da linguagem ou na organização espacial e temporal, dentre outros.

No que diz respeito aos fatores psicógenos deve-se fazer a distinção entre dificuldades de aprendizagem decorrente de um sintoma ou uma inibição, pois quando é relacionado ao sintoma, o não aprender possui significado inconsciente, mas quando relacionado a inibição trata-se de uma retração intelectual do ego, ocorrendo uma diminuição das funções cognitivas, o que acarreta as dificuldades de aprendizagem, como exemplo, tem-se: inibição, fantasia, ansiedade, angústia, inadequação a realidade, sentimento generalizado de e outros. Por fim, os fatores ambientais são relacionados às condições objetivas ambientais que podem favorecer ou não os problemas de aprendizagem. O tipo de educação familiar, o grau de estimulação que a criança recebeu nos primeiros dias de vida, a influência dos meios de comunicação, entre outros.

Esses são os importantes fatores para o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem dos educandos. É a partir desse diagnóstico que se torna possível o planejamento de ações para trabalhar o quadro de dificuldades de uma criança, as quais podem afetar diversos aspectos, cada qual que pode gerar um problema ou transtorno de aprendizagem distinto. Os tipos mais comuns de dificuldade são: dislexia, disgrafia, discalculia, dislalia, transtorno de hiperatividade, déficit de atenção (TDAH), entre outros.

O Papel Do Pedagogo

O pedagogo tem função importante no desenvolvimento da criança, posto que é o profissional capacitado para o trabalho na educação infantil até o fim dos anos iniciais do ensino fundamental. Esses profissionais buscam desenvolver um trabalho que possibilite as crianças uma formação ampla acerca dos elementos culturais.

A maneira como o professor compreende a inclusão influencia diretamente no processo de ensino aprendido dos alunos com necessidades educacionais especiais, pois é em sala de aula que será quebrado todas as barreiras colocadas pela sociedade. O olhar do psicopedagogo surge da necessidade de buscar novas metodologias para que esses alunos possam ter um aprendizado significativo. Os professores são essenciais no processo de reforma educacional e na criação de novas propostas pedagógicas, pois estão diretamente ligados ao processo de ensino – aprendizagem (MACHADO, 2007).

Desta maneira, os professores acabam por ter uma grande responsabilidade no processo de inclusão, onde devem propor um ensino para facilitar a aprendizagem. Baseado nesse contexto, existe muitos professores que apresentam resistência em mudar suas metodologias, causando diversos importunos.

Para Mantoan (2003), os professores do ensino regular não estão preparados para o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, então, encontramos no diagnóstico clínico uma forma de justificar o encaminhamento para a educação especial, onde supostamente esses alunos receberão a atenção que necessitam. Sendo

assim, é muito importante que o professor busque uma formação continuada, novos métodos, novos projetos pedagógicos, novas perspectivas para receber esses alunos e dar a eles aprendizagem significativa. O papel do professor é fazer intervenções que irão proporcionar independência para que esses alunos de educação inclusiva possam adquirir autonomia para desenvolver suas atividades e a rotina da escola sozinhos.

Essas práticas influenciam diretamente no processo de ensino aprendizagem, pois por meio dessa adequação, esses alunos terão acesso a uma educação de qualidade. Nessa perspectiva, os profissionais da educação, a família e os demais profissionais que compõem uma equipe de desenvolvimento, devem traçar os mesmos princípios e objetivos que desejam atingir, possibilitando a aprendizagem continuada por toda a equipe.

O Papel Do Psicopedagogo

A psicopedagogia surgiu no Brasil com o objetivo de procurar compreender a aprendizagem ou não aprendizagem dos indivíduos de uma sociedade. O psicopedagogo investiga principalmente as causas que levam o aluno a se encontrar em uma situação de fracasso escolar, nessa conjuntura estuda o aprendizado humano. Segundo WEISS (2008), o psicopedagogo tem o intuito de desvendar o motivo do bloqueio do sujeito em relação à aprendizagem, o que de fato está reprimindo o seu caminhar no processo de ensino-aprendizagem. O profissional em questão pode atuar nas áreas clínica e institucional, com caráter terapêutico e preventivo.

Para BARBOSA (2001), o psicopedagogo institucional deve ser preparado adequadamente, pois no âmbito escolar vários são os agentes sociais envolvidos, dentre eles a, família, o aprendiz, o professor e a equipe escolar, sendo que seu papel na é de prevenção de possíveis dificuldades que os alunos venham encontrar durante o percurso que trilham na Educação Básica.

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo de aprendizagem para participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e as necessidades individuais de aprendizagem da criança, ou da própria ensinagem (BOSSA, 1994, p. 23).

O autor reforça a ideia de que o papel do psicopedagogo é de identificar as causas dos transtornos de aprendizagem. Sendo assim, capaz de intervir para que esse indivíduo se encaixe de maneira mais adequada nas dinâmicas de apreender os elementos culturais escolarizados, é através da abordagem deste profissional, sessões e avaliações que o sujeito poderá ser auxiliado de forma adequada.

Partindo da mesma perspectiva, WEISS (1992, p. 6) coloca que “a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem dos alunos”. O profissional deve auxiliar o aprendiz a descobrir qual a melhor maneira de aprender, partindo do próprio conhecimento já adquirido.

Do ponto de vista de Côrtes & Rausch (2009), o psicopedagogo deve assumir uma postura de investigador, pois por trás de uma dificuldade de um determinado indivíduo existe um motivo. O responsável pelo problema de aprendizagem pode ser a escola, a má preparação

do professor, a família ou a própria criança. O psicopedagogo deve firmar parceria com os profissionais da área da saúde e logo que descoberto os motivos que tem apontado às dificuldades de aprendizagem encaminhar o aprendente ao profissional correto.

Para Araújo (2009), a atuação clínica do psicopedagogo tem papel fundamental na caminhada escolar do aprendente.

A Psicopedagogia clínica procura compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, orgânicos e pedagógicos, que interferem na aprendizagem, a fim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em sua totalidade, incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que transitam no universo educacional do aluno (ARAÚJO, 2009, p.1).

Nesse viés, os autores acreditam que os fatores externos também são a causa de alguns dos problemas de aprendizagem que acarretam as crianças. Araújo (2009) enfatiza ainda que o psicopedagogo pode trazer à tona aquele desejo e prazer em aprender contando com a ajuda da família e dos educadores.

O psicopedagogo pode através de sua aprendizagem evadir ou diminuir os problemas de aprendizagem e o fracasso na escola, contribuindo para uma aprendizagem significativa. Através de análises e estudos sobre o cognitivo, afetivo e social do aprendente, o profissional busca desenvolver todos esses aspectos e intervir no processo de aprendizagem da criança.

Para tanto, as tarefas do psicopedagogo estão imbricadas as dinâmicas que circundar o exercício da aprendizagem no espaço escolar, sendo assim intervêm nos fatores externos que circundam a criança, sobretudo na orientação dos pais e responsáveis. É oportuno referendar ainda com Barbosa (2007, p. 37), que "na instituição escolar, convive-se com o ensinar e com o aprender de uma forma muito dinâmica, não sendo possível, na prática, haver uma intervenção que recaia somente sobre o aprender".

Vínculos E Aprendizagem

Vínculo é um laço construído entre um indivíduo e outro. No momento em que se é demonstrado um vínculo afetivo recíproco, o desempenho intelectual se constrói com êxito. Perante a ausência o mesmo pode acarretar na criança distúrbios de comportamento e aprendizagem. Signorine e Dias (2002) apresentam diversas causas que podem prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem, e uma delas é a falta de afetividade. Os autores revelam que sem a afetividade o educador leva o educando ao erro, o que consecutivamente resulta no fracasso dos processos de ensino-aprendizagem.

Na teoria walloniana, a afetividade é a base para a construção do sujeito, o ponto de partida para o seu desenvolvimento, nessa perspectiva o ser humano deve ser percebido a partir da sua gênese afetiva. Segundo Dantas (1993, p. 74), "a emoção estabelece, pois, as bases da inteligência; se identificada com o seu desenvolvimento próximo, a afetividade, surge como condição para toda e qualquer intervenção sobre ela".

O aprendente que leva consigo a carga da dificuldade de aprendizagem deve ser encaminhado ao psicopedagogo. Todavia, é a união com o pedagogo, trabalhando em conjunto, que será possível suscitar uma dinâmica outra de aprendizagem a criança. Assim, o pedagogo deve assumir um importante papel de criar um vínculo afetivo com o educando, em detrimento, criar um laço entre aluno e a aprendizagem e, para tal paralelamente construir um ambiente saudável, criativo e sensível que possibilite o êxito de todos os sujeitos envolvidos no processo.

Conforme SALTINI (1997, p. 89),

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis faz parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento de nós mesmos, tanto do educador quanto da criança.

O professor deve criar vínculos afetivos com o aluno, está sempre atento as suas ações, sendo necessário transparecer confiança, segurança e paz ao aluno. Assim sendo, o aluno se sentirá seguro para estabelecer uma relação afetiva com o seu professor e desta maneira ele terá êxito nas atividades propostas em sala de aula e no desenvolvimento cognitivo e emocional. Apesar de ser comprovado que as dificuldades de aprendizagem está relacionada com fatores neurológicos, sabemos que foram avaliados aspectos cognitivos e emocionais que relacionado a aprendizagem significativa do aluno através do vínculo.

Antunes (2007, p. 54) diz que o professor precisa conquistar o aluno, utilizar a transmissão de conhecimento de forma positiva, a fim de envolvê-lo, motivá-lo com palavras de incentivo e expressões positivas, pois o grau de envolvimento afetivo e emocional do professor interfere positivamente ou negativamente no processo de aprendizagem do aluno. Sendo assim, Antunes reafirma que as relações afetivas e as relações educacionais estão intimamente ligadas, pois o trabalho pedagógico ou psicopedagogo se torna difícil se não a vinculação afetiva no processo de ensino e aprendizagem, assim o professor e o aluno precisam estar envolvidos emocionalmente para que o processo ensino-aprendizagem flua de forma proveitosa:

Desta forma, a relação com o outro é significativa, pois fortalece o vínculo afetivo e consequentemente se relaciona à questão cognitiva dos alunos. Fernandez (1991, p. 47-52) conclui esse pensamento da seguinte forma:

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. Com isso, [fica esclarecido] que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, psicopedagogos, conteúdo escolar, livros, escrita, [não] acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

Relacionando outra visão de afetividade, Vygotski (1994, p. 75) frisa a importância das interações sociais, afirmando que a construção do conhecimento ocorre a partir de um grande e importante processo de interação. ele afirma sua visão que está além da importância da socialização no processo de construção do conhecimento, que a afetividade tem uma importância papel na construção do próprio sujeito e em suas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi compreender a atuação do psicopedagogo frente às

dificuldades de aprendizagem, percebendo como é fundamental o trabalho desse profissional, além de relatar as dificuldades relacionadas à aprendizagem dos alunos. Diante disso, foi escolhido esse tema para a conclusão de curso, pois se faz necessário desenvolver, enquanto psicopedagogo, habilidades que me possibilite uma atuação alinhada as considerações de educação de qualidade relatadas neste texto.

Compreendemos que o Psicopedagogo é extremamente importante na instituição escolar, pois este profissional estimula o desenvolvimento de relações interpessoais, além de estabelecer vínculos, traça estratégias de aprendizagem e atuar pela utilização de métodos de ensino compatíveis com as mais recentes concepções pedagógicas. Assim, o papel do psicopedagogo é ouvir, intervir, diagnosticar e encaminhar corretamente o sujeito para as intervenções necessárias, quando se percebe tal dificuldade é direcionado para fazer um acompanhamento no qual o psicopedagogo tem uma função extremamente importante, pois ele se relaciona diretamente com a família e alunos, quer seja toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, foi constatado que é um trabalho de dedicação, acolhimento, afeto, percepção e transformação, possibilita ao alunado superar as barreiras que possam estar impedindo a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como espaço do crescimento integral**. 5º ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ARAÚJO, O. S. P. **Reflexões sobre a psicopedagogia clínica e institucional**. In: Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL. Dourado: UEMS, 2007.
- BARBOSA, Laura M. Serrat. **A psicopedagogia no âmbito escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.
- BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- BOSSA, Nádia. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- CÔRTEZ, Ana Rita Ferreira Braga; RAUSCH, Rita Buzzi. **O estado do conhecimento acerca da psicopedagogia escolar no Brasil**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9. 2009, Paraná.
- DANTAS, Heloísa. **Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon**. Temas em Psicologia, Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, nº 3, p. 73-76.
- FERNANDÉZ, A. (1991) **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4º ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1995.
- JOSÉ, Elisabete; COELHO, Maria. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo; Ática, 2004.
- KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes,
- KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.
- LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál., Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007
- MACHADO, V. B. **O professor e a Inclusão do aluno com Déficit de Atenção e Hiperatividade**. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – centro de Ciências da Vida – PUC – Campinas. 2007.

- MANTOAN, Maria Teresa. **Inclusão escolar o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003
- MERY, Janine. **Pedagogia Curativa escolar e Psicanálise.** Porto Alegre: Artmed, 1985.
- MINETTO, M. F. **O currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio.** 2ª ed. Curitiba: IBPEX, 2008.
- PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre; Artmed, 1985.
- SALTINI, C. J. P. Desenvolvimento: **Aspectos Cognitivos e Afetivos.** Ver. Bras. Cresc. Des. Hum. 11(2): São Paulo, 1992.
- SIGNORINI, I. & DIAS, R. **“Até agora, só ferrada, cara”.** O cognitivo, o afetivo e o motivacional na alfabetização de jovens. A linguística da norma. São Paulo: edições Loyola, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. (1994) **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes.
- WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia clínica-** uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Lamparina, 13º ed. 2008.